O investidor estrangeiro voltou a olhar para a Bolsa brasileira | Veja Mercado, 30 de setembro de 2026

O investidor estrangeiro voltou a olhar para a Bolsa brasileira, e a eleição já entrou nessa conta.

Em participação ao vivo no Veja Mercado, Paula Moreno comentou como o fluxo estrangeiro tem se comportado ao longo de 2026 e quais fatores vêm direcionando o capital global.

No primeiro trimestre, a Bolsa brasileira recebeu cerca de US$ 13 bilhões em recursos de investidores estrangeiros. Já no segundo trimestre, com resultados fortes nos Estados Unidos - especialmente no setor de inteligência artificial - parte desse capital migrou novamente para o mercado americano e para outras regiões, levando a uma saída próxima de US$ 10 bilhões do Brasil.

Agora, desde meados de agosto, o movimento começou a mudar.

Em setembro, o investidor estrangeiro voltou a entrar na Bolsa brasileira, com aproximadamente US$ 2 bilhões em novos recursos.

Além do cenário internacional, outro fator começa a ganhar cada vez mais peso nas decisões de alocação: a eleição brasileira e seus possíveis impactos sobre os ativos locais.

▶️ Confira um trecho da participação de Paula Moreno ao vivo no Veja Mercado.

"Investimentos com IA pesam nos títulos" | CNN Money News, 25 de setembro de 2026 – Trecho da entrevista de Igor Campos, gestor de Renda Fixa da Armor Capital.

Os juros de longo prazo estão elevados no mundo todo, não só nos Estados Unidos.

Na Europa, as taxas estão nos níveis mais altos dos últimos vinte anos. Na América Latina, cada país tem suas particularidades, mas os juros também estão acima do que a atividade e a inflação sozinhas justificariam. O Brasil segue a mesma tendência, com a taxa em patamar bastante elevado.

Três fatores em comum ajudam a explicar esse cenário:

O choque de oferta no custo da energia, com a guerra entre Estados Unidos e Irã.
O fiscal: governos do mundo inteiro operando com déficits elevados.
O forte volume de investimentos em infraestrutura para expandir os ganhos tecnológicos da inteligência artificial.

"Esses três fatores são comuns e acabam impactando o nível de taxa de juros de todos os países do mundo.

Dica Armor: “Superprevisões: A Arte e a Ciência de Antecipar o Futuro” – Philip E. Tetlock e Dan Gardner

Mais do que um livro sobre previsões, é um guia sobre como tomar decisões melhores em um mundo marcado pela incerteza. Tetlock e Gardner mostram que bons prognósticos não dependem de certezas ou intuição excepcional, mas de pensamento probabilístico, atualização constante de hipóteses e disposição para reconhecer quando estamos errados.

4 motivos para ler:

•Aprender a pensar em probabilidades, em vez de buscar certezas;
•Entender as armadilhas de vieses e excesso de confiança;
•Desenvolver a capacidade de revisar cenários;
•Entender a importância de processos bem estruturados à análise de riscos .

Fed eleva taxas de juro pela 1ª vez desde 2023 e sinaliza mais uma alta neste ano | InfoMoney, 17 de setembro de 2026

O Federal Reserve (Fed, o banco central americano) elevou o patamar da taxa básica de juros dos Estados Unidos em 0,25 ponto percentual (p.p.) na faixa entre 3,75% e 4% em decisão nesta quarta-feira (16). A decisão foi unânime. É a primeira alta das taxas de juros nos EUA desde 2023, enquanto crescem as dúvidas sobre se a inflação poderá continuar se moderando sem um novo ajuste na política monetária.

“Em sua coletiva, Kevin Warsh manteve um tom semelhante ao adotado em Jackson Hole, demonstrando preocupação com a persistência da inflação e reafirmando o compromisso de reconduzi-la à meta de 2%. Ao mesmo tempo, avaliou que o mercado de trabalho permanece estável e que a atividade

econômica segue aquecida. Diante desse cenário, esperamos uma nova elevação de 0,25 p.p. em dezembro, com a retomada dos cortes apenas em 2028", avalia Gustavo Rostelato, economista da Armor Capital sobre o Fed.

Trecho Minuto do Gestor | Agosto de 2026

Oriente Médio, incerteza sobre os juros americanos e um cenário eleitoral mais competitivo no Brasil.

Neste trecho do Minuto do Gestor, analisamos os principais acontecimentos que movimentaram os mercados ao longo de agosto.

No cenário internacional, as tensões no Oriente Médio permaneceram como uma das principais fontes de preocupação. Ao mesmo tempo, dados econômicos nos Estados Unidos pareciam reforçar a expectativa de uma política monetária menos restritiva, até que o discurso do Fed em Jackson Hole voltou a colocar a inflação e o futuro dos juros no centro das atenções.

No Brasil, o destaque ficou para as pesquisas eleitorais, que passaram a indicar um ambiente mais competitivo e aumentaram a percepção do mercado sobre a possibilidade de alternância de poder.

Um mês marcado por sinais contraditórios e pela necessidade de acompanhar de perto como cada um desses fatores pode alterar a dinâmica dos mercados.

No cenário internacional, a despeito de dados de emprego moderadamente mais fracos e inflação em linha com o esperado, o presidente do Federal Reserve, Kevin Warsh, adotou um tom consideravelmente mais hawkish em relação seu último discurso. Essa postura provocou um movimento de flattening na curva americana, revertendo a forte inclinação observada na primeira quinzena, sendo assim, as taxas de 2 anos abriram cerca de 8 bps, enquanto os vértices de 30 anos fecharam 2 bps em agosto.

Bolsa e real avançam com petróleo em alta e atenção a eleições | 02 de setembro de 2026

A perspectiva de uma disputa eleitoral mais acirrada, combinada com a valorização dos preços do petróleo, abriu espaço para a alta da bolsa e do câmbio brasileiro na sessão desta terça. Os juros futuros também foram beneficiados pelo ambiente mais construtivo localmente, embora as taxas no exterior tenham ficado mais pressionadas na sessão.

O sócio e diretor de investimentos (CIO) da Armor Capital, Alfredo Menezes, diz que a disputa eleitoral mais acirrada pode ter beneficiado os mercados locais na terça. “Um bom termômetro disso é o pré longo”, diz, fazendo referência aos juros futuros de longo prazo. “As taxas longas dos Treasuries abriram [subiram], e mesmo assim as nossas caíram. Sabemos que os nossos juros longos estão muito ligados à expectativa por um ajuste fiscal. Então uma disputa acirrada pode ajustar o prêmio que há nisso”, afirma. As ações mais beneficiadas no dia também são termômetros da dinâmica do mercado, diz Menezes. “Os papéis do Banco do Brasil tiveram uma alta forte e não foram beneficiadas pelos preços do petróleo, como foi o caso da Petrobras”, afirma. “Os preços do petróleo podem ter ajudado de alguma forma o índice e o câmbio, mas o que me parece estar em pauta são as eleições.”

PIB desacelera e mostra economia mais suscetível aos juros do que o esperado | Infomoney, 1 de setembro de 2026

O crescimento do PIB no segundo trimestre foi sustentado por agropecuária e petróleo, mas os juros elevados frearam o consumo das famílias e a indústria; analistas revisam projeções de crescimento e Selic.

Gustavo Rostelato, economista da Armor Capital, reforça que a queda no consumo somada a uma absorção doméstica praticamente estável evidenciam a “perda de tração da demanda interna”, pavimentando um viés de baixa para a atividade nos próximos trimestres.